

AS NECESSIDADES E DIFICULDADES DA ORIENTAÇÃO SEXUAL NA VISÃO DOS PROFESSORES DE CIÊNCIAS DE PORTEIRINHA-MG.

THE NECESSITIES AND DIFFICULTIES OF THE SEXUAL ORIENTATION IN THE VISION OF THE SCIENCE TEACHERS OF PORTEIRINHA-MG

Janine Cinara Silveira Alves¹
Andréa Carla Leite Chaves²

¹PUC-MG. PREPES. Acadêmicas do Mestrado em Ensino de Biologia. E-mail: janinecinara@yahoo.com.br

²PUC-MG. PREPES. Profa. Dra. do Mestrado em Ensino de Biologia. E-mail: andreacarlachaves@gmail.com

Resumo

O objetivo deste estudo foi investigar as necessidades e dificuldades dos professores de Ciências para trabalhar a Orientação Sexual na escola. Os dados foram obtidos a partir da análise de questionários respondidos por professores de Ciências do Ensino fundamental (5ª a 8ª séries) de escolas públicas da cidade de Porteirinha, Minas Gerais. Os resultados mostraram que todos os entrevistados consideraram importante a implantação da Orientação Sexual na escola, entretanto, apontam profissionais despreparados. Foram relatadas dificuldades como a falta de material didático específico, a incompreensão dos pais a respeito do assunto e a existência de preconceitos e de temas difíceis de serem trabalhados. Ficou evidente a necessidade de investimento na formação continuada destes profissionais, levando em consideração suas dificuldades, de forma a promover sua capacitação para atuar na Orientação sexual nas escolas.

Palavras-chave: Orientação sexual, Dificuldades, Professores de Ciências, Porteirinha-MG

Abstract

We investigate the necessities e difficulties of the Science teachers to work the Sexual Orientation in the school. The data were obtained through the analysis of questionnaires answered by Science teachers of public schools (grades 5th to 8th) in Porteirinha, Minas Gerais. The results showed that all the interviewed revealed in favor of the implementation of Sexual Orientation in the school however, show unprepared professionals. Difficulties had been detected as the lack of specific didactic material, the not understanding of the parents regarding the subject and the existence of preconceptions and difficult themes to be worked. There is necessity of investment in the continuous schooling of these professionals to promote its qualification to make the Sexual Orientation in the schools.

Keywords: Sexual orientation, Difficulties, Science Teachers, Porteirinha-MG.

INTRODUÇÃO

A escola vem assumindo um papel cada vez mais importante na sociedade e cada vez mais cedo na vida da criança em decorrência de mudanças sociais. A escola pública, em especial, tem absorvido um contingente cada vez maior de jovens. A maioria destes jovens tem antecipado a idade de iniciação da atividade sexual sendo que muitos deles não usam contraceptivos, aumentando assim a vulnerabilidade a gravidez e a ocorrência de Doenças Sexualmente

Transmissíveis (DSTs).

Desde a Lei de Diretrizes e bases de 1996, e, posteriormente com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)s, vem-se propondo que as escolas adaptem seus currículos às práticas de convivência escolar e comunitária e incluam o trabalho de Orientação Sexual no cotidiano escolar (Brasil, 1997). Segundo os PCNs, a Orientação Sexual na escola é um dos fatores que contribui para o conhecimento e valorização dos direitos sexuais e reprodutivos. E o seu trabalho na escola se faz problematizando, questionando, debatendo os diferentes tabus, preconceitos crenças e atitudes existentes na sociedade, ampliando o leque de conhecimentos e de opções para que o próprio aluno escolha seu caminho. No entanto, pesquisa realizada pela Fundação das Nações Unidas para a Saúde (UNICEF) mostrou que 87,5% dos municípios brasileiros não têm projetos de prevenção à AIDS nas escolas públicas; e dos que dispõem de algum programa, 80% dos professores não repassa as informações por falta de tempo ou condições (CÔRREA, 2003).

A Orientação Sexual nos dias atuais, não pode ser ignorada pelas escolas. O conhecimento do conteúdo específico, o conhecimento pedagógico do conteúdo e a postura do professor em relação ao tema sexualidade são requisitos essenciais para que ele possa organizar a sua prática educativa. TONATTO & SAPIRO (2002) enfatizam que “através de uma abordagem adequada, a escola torna-se um ambiente imprescindível para a construção de valores pertinentes a uma educação sexual que possibilite aos jovens escolhas conscientes no que se refere à atividade sexual e à prevenção de doenças sexualmente transmissíveis”.

Apesar da existência, atualmente, de várias experiências de implantação de programas de orientação nas escolas brasileiras, com espaço optativo ou com espaço específico incluído no horário regular das aulas, ainda assim faltam programas nas escolas públicas ou, quando existem, geralmente são descontínuos e voltados para as patologias (CORRÊA, 2003). Uma das grandes questões da Orientação Sexual, hoje, refere-se aos limites e possibilidades de uma intervenção eficaz, ou seja, a concretização de propostas à realidade particular de cada escola. As aulas desenvolvidas sobre o tema sexualidade, de acordo VITIELLO (1997), devem ser ministradas por meio de metodologia participativa e dialógica, baseada na realidade sócio cultural, desenvolvida com criatividade intimista e lúdica. Tendo em vista o exposto, é relevante que o professor trabalhe de forma atrelada a sua realidade e que ofereça alternativas para transformar o tema sexualidade em conteúdo de ensino, a partir da sua própria vivência regional, uma vez que o tema mobiliza as mais variadas questões advindas da cultura, da ciência e da religião.

Frente a estas considerações o cenário parece convidativo à pesquisa, principalmente quando se trata de escolas públicas de cidades de pequeno porte com representatividade na comunidade bastante expressiva de alunos na fase da adolescência. Investigar as dificuldades dos professores em fazer a educação sexual e buscar indicadores que auxiliem na sugestão de programas educativos norteados por princípios da análise do comportamento parece útil para a viabilização da implantação da Orientação Sexual na prática educativa dos professores.

Devido à importância da abordagem da temática sexualidade na escola e a ligação direta da sexualidade com valores culturais e com a história de vida dos indivíduos (VITALLE, 2003) pretende-se neste trabalho investigar e analisar as necessidade, dificuldades e possibilidades dos professores de Ciências da cidade de Porteirinha-MG para fazer a Orientação Sexual nas escolas. Esta investigação é importante uma vez que a postura, atitude e conhecimento do professor relacionado ao tema sexualidade irão influenciar decisivamente o comportamento e a formação de seus alunos como cidadãos.

METODOLOGIA

Este estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa com associação de tratamento estatístico complementar para análise dos dados. A investigação é mediada pela metodologia da Pesquisa-Ação uma vez que ela permite o levantamento de problemas que possibilitaram intervenções (ações educativas), em conjunto com os participantes, na tentativa de buscar caminhos para a resolução de problemas.

A pesquisa foi realizada nas escolas públicas Estaduais e Municipais do Ensino Fundamental da cidade de Porteirinha, interior do Norte de Minas Gerais, pertencentes à Superintendência Regional de Ensino de Janaúba/MG. Participaram desta pesquisa 22 professores de Ciências do ensino fundamental (5^a a 8^a séries) pertencentes a 10 escolas públicas da cidade de Porteirinha-MG, sendo 7 escola Estaduais e 3 escolas Municipais.

Procedimento

Para ESTRELA *et al.* (1999) a aplicação de questionário é a técnica mais frequentemente utilizadas em análise de necessidades e dificuldades na área da educação, em especial em relação a formação de professores. As vantagens do uso do questionário relacionam-se ao fato de sua utilização permitir, em pouco tempo, atingir populações maiores e possibilitar o tratamento estatístico da informação. Portanto, para a realização desta atividade investigativa, utilizou-se como técnica de coleta de dados, um questionário constituído de 11 questões sendo 01 questão fechada, 03 questões abertas e 07 questões semi-abertas, possibilitando que os professores pudessem expor suas opiniões livremente. Os itens que integram o questionário resultaram de uma reflexão sobre questões pertinentes a orientação sexual, dos documentos associados a este tema e da análise de investigações sobre necessidades de professores nesta área. A investigação realizou-se a partir de relatos emitidos pelos professores investigados, visando levantar as necessidades e possibilidades apresentadas pelos professores de Ciências do ensino fundamental (5^a a 8^a série) em desenvolver a Orientação Sexual nas escolas públicas da cidade de Porteirinha-MG, bem como a forma de abordagem e o espaço destinado a ela nas instituições pesquisadas.

Antes da aplicação dos questionários os objetivos da pesquisa foram explicitados e foi solicitada a colaboração para a participação. Os participantes foram informados a respeito do direito à privacidade e a preservação do anonimato e foi reafirmado o direito a liberdade de não participar da pesquisa. Na ocasião foi obtida a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido dos concordantes em participar da pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com o intuito de conduzir o leitor a ter uma visão mais acurada da realidade pesquisada apresentamos a seguir os resultados e as análises decorrentes das informações obtidas na coleta de dados junto aos professores de Ciências do ensino fundamental (5^a a 8^a séries), destacando-se as considerações dos professores sobre a Orientação Sexual na escola.

Perfil dos professores de Ciências das Escolas públicas de Porteirinha-MG

Os dados da tabela 1 revelam o perfil dos professores participantes da pesquisa. Dos 22 professores envolvidos nesta pesquisa, 91% são do sexo feminino, sendo apenas 9% do sexo masculino. A faixa etária dos professores foi de 36% entre 20 a 35 anos, 32% entre 35 a 45 anos e 32% entre 45 a 55 anos. Fazendo uma análise deste dado, podemos dizer que a idade nesta pesquisa pode ser um fator importante a ser considerado uma vez que eles estão em faixas etárias diferentes. Sabe-se que a idade interfere na maneira de lidar com a sexualidade.

Nesse sentido, BEIRAS *et al.* (2005) comenta:

“As práticas de educadoras e educadores são, por vezes, pautadas em crenças, valores e preconceitos oriundos de suas trajetórias singulares e, sobretudo, inscritas em contextos culturais e históricos determinados. Desta maneira, as diferenças de gênero que pautam, no cotidiano, muitas explicações de comportamentos, papéis e valores, geram (e são geradas por) uma série de suposições de definições do que é ser mulher e homem, masculino e feminino.”

A faixa etária elevada (35 a 45 anos), apresentada pela maioria dos professores investigados (64%), pode indicar uma educação com princípios e valores diferentes dos atuais, onde o sexo era feito apenas para a procriação. Possivelmente isto pode gerar dificuldades para os profissionais abordarem os temas da sexualidade na escola. Para VITIELLO (1997) a maneira de pensar de cada um depende muito de suas vivências e da maneira como ocorreu seu aprendizado social. Sabe-se que é um desafio para os educadores conviver internamente com seus valores e elaborar na sua prática educativa um novo modelo social e educacional, principalmente no que se refere aos temas da sexualidade.

Dos professores investigados 77% pertencem à religião católica; 18% a religião evangélica, enquanto 5% afirmam pertencer à religião cristã. A maioria (59%) apresenta tempo de docência entre 10 a 20 anos; 32% afirmam ter tempo de docência entre 1 a 10 anos e 9% apresentam tempo de docência entre 20 a 40 anos. Sabe-se que as normas e os comportamentos ligados a sexualidade sempre foram norteados por valores e princípios religiosos. Acredita-se que isto possa favorecer a disseminação de idéias repressoras e castradoras sobre a sexualidade e também pode estar relacionado com a resistência ou adesão dos professores a programas inovadores (REIS & VILAR, 2004).

Quanto ao nível de formação acadêmica dos professores 41% afirmaram ter o curso superior completo; 32% estão cursando o curso superior e 27% fizeram Pós-graduação *lato sensu*. Dos professores de Ciências que tem curso completo, 80% fizeram Ciências Biológicas e 20% cursaram o curso Normal Superior. Apesar da maioria dos professores entrevistados terem curso superior completo, 77% afirma não ter recebido nenhuma informação durante a sua formação acadêmica de como fazer a Orientação Sexual na escola. Apenas 23% relatam ter recebido informação a respeito de Orientação Sexual. Entretanto, quando questionados sobre qual o tipo de formação complementar relacionadas à sexualidade eles receberam nenhum dos entrevistados soube relatar, indicando que possivelmente esta formação complementar não ocorreu. Estes dados mostram que, nas escolas públicas de Porteirinha existe uma deficiência significativa de professores de Ciências preparados para fazer a Orientação Sexual e que, durante a sua formação a maioria dos professores não recebeu qualquer orientação para fazê-la.

De acordo com AZEVEDO *et al.* (2001), não há dúvida de que os primeiros educadores sexuais seriam os próprios pais, porque a eles compete a maior parcela de responsabilidade na formação dos filhos. Entretanto, como os pais, normalmente, têm dificuldades em falar sobre os assuntos que envolvem sexualidade com os filhos (dificuldades estas, na maioria dos casos, de cunho cultural), foi deixada a cargo da escola a realização desta tarefa. O grande desafio é capacitar-se para desenvolver o trabalho, uma vez que a educação sexual não pode ser dissociada da educação como um todo. Portanto, faz-se necessária a preparação dos professores, tornando-os bem informados, prontos e conscientes da importância de sua atuação na área da sexualidade.

Assim, o educador deve buscar a capacitação profissional, ampliar a compreensão sobre a sexualidade, aprofundar conceitos, revisar valores e se instrumentalizar, pois isso poderá contribuir para diminuir a transmissão de preconceitos aos alunos.

A postura do educador para desenvolver o ensino em sexualidade pode ser examinada conforme os PCN-MEC na argumentação seguinte:

É necessário que o professor tenha acesso à formação específica para tratar de sexualidade com os jovens na escola, possibilitando a construção de uma postura profissional e consciente no trato desse tema. Os professores necessitam entrar em contato com suas próprias dificuldades diante do tema, com questões teóricas, leituras e discussões referentes à sexualidade e suas diferentes abordagens [...] reconhecer os valores que regem seus próprios comportamentos e orientam sua visão de mundo, assim como reconhecer a legitimidade de valores e comportamentos diversos dos seus. Tal postura cria condições mais favoráveis para o esclarecimento, e informação e o debate sem imposição de valores específicos (PCN/MEC, 1998, p.303).

Tabela 1: Perfil dos professores de Ciências das Escolas públicas de Porteirinha-MG

Sexo	n	(%)
Feminino	20	91
Masculino	2	9
Idade	n	(%)
20-35	8	36
35-45	7	32
45-55	7	32
Religião	n	(%)
Católica	17	77
Evangélica	4	18
Cristã	1	5
Tempo de docência	n	(%)
1-10	7	32
10-20	13	59
20-40	2	9
Escolaridade	n	(%)
Superior incompleto	7	32
Superior Completo	9	41
Pós-graduação <i>lato-sensu</i>	6	27
Formação em Orientação Sexual	n	(%)
Sim	5	23
Não	17	77

O conhecimento dos professores dos professores de Ciências das Escolas Públicas de Porteirinha-MG sobre Orientação Sexual

Ao analisar os dados apresentados na tabela 2 sobre o conhecimento dos professores em relação à Orientação Sexual, observa-se que quando se perguntou aos professores investigados o que eles entendem por Orientação Sexual 64% opinou que é informar, discutir, conscientizar e orientar sobre os temas relacionados à sexualidade, 23% afirma que a Orientação Sexual é conhecer o corpo suas transformações e sentimentos e 13% dos professores correlacionaram a Orientação Sexual com a intervenção nas atitudes relacionadas ao comportamento sexual.

O trabalho de Orientação Sexual, portanto, se propõe a ampliar, diversificar e aprofundar a visão sobre a sexualidade, abordando os diferentes pontos de vista existentes na sociedade, incluindo as práticas sexuais ligadas ao afeto, ao prazer, ao respeito e a própria sexualidade. Este não se limita apenas a uma mera informação reprodutiva ou preventiva, pois a sexualidade tem uma dimensão histórica, cultural, ética e política que abrange todo o ser: corpo e espírito, razão e emoção, podendo se expressar de diversas formas: carícias, beijos, abraços, olhares. Assim, ela abrange o desenvolvimento sexual compreendido como: saúde reprodutiva, relações de gênero, relações interpessoais, afetivas, imagem corporal e auto-estima.

Os dados da tabela 2 mostram que os professores investigados afirmam achar importante a Orientação Sexual na escola. Sobre a importância da Orientação Sexual na escola verificamos que 27% dos professores dizem que a escola conscientiza o aluno sobre os temas da

sexualidade e 27% afirma que a escola proporciona esclarecimento, discussões e reflexões sobre os temas relacionados à sexualidade. Outras justificativas apontadas pelos professores foram: a omissão da família em relação aos assuntos relacionados à sexualidade, a contribuição para a prevenção de problemas graves relacionados à sexualidade dos alunos, a preparação do aluno, proporcionando saúde, bem estar e melhores condições de vida, a maneira correta de orientar e informar o aluno e porque a sexualidade faz parte do cotidiano escolar. Percebe-se nitidamente na fala dos professores que estes têm consciência e/ou conhecimento da importância de se discutir a sexualidade na escola, muito embora, nem todos incluam em suas práticas. Alguns destes nem sempre percebem que a escola é um ambiente “sexualizado” e que a Orientação Sexual é tarefa dessa instituição. Existem aqueles que chegam a ignorar e, na maioria das vezes, adaptam-se a determinadas situações, por ser uma atitude mais fácil.

Tabela 2: Conhecimento dos professores de Ciências das Escolas públicas de Porteirinha-MG sobre Orientação Sexual

O que é Orientação Sexual?	n	(%)
Informações, discussões, conscientização e orientações sobre temas relacionados à sexualidade	14	64
Conhecer o corpo, suas transformações e sentimentos	5	23
Intervenções nas atitudes relacionadas ao comportamento sexual.	3	13
Qual a importância da Orientação Sexual na Escola?	n	(%)
Conscientiza o aluno sobre os temas da sexualidade	6	27
Proporciona esclarecimento, discussões e reflexões sobre os temas relacionados à sexualidade.	6	27
O aluno fica bem informado	2	9
Prepara o aluno, proporcionando saúde, bem estar e melhores condições de vida.	2	9
Contribui para a prevenção de problemas graves relacionados à sexualidade dos alunos.	2	9
A família é omissa em relação aos assuntos relacionados à sexualidade	2	9
É assunto do cotidiano escolar	1	5
A escola orienta de maneira correta	1	5
Você conhece as diretrizes propostas pelos PCNs quanto à Orientação Sexual?	n	(%)
Sim	13	59
Em parte	8	36
Não	1	5
Orientação Sexual é um tema Transversal?	n	(%)
Sim	18	82
Não	3	13
Não respondeu	1	5
Pôr que a Orientação sexual é um tema transversal?	n	(%)
Deve ser trabalhado em diversas áreas do conhecimento	7	32
Deve ser trabalhado de acordo a necessidade e convivência	2	9
Pertence ao eixo temático ser humano e saúde	1	5
Envolve problemáticas sociais atuais e urgentes	1	5
Não é trabalhado em ações isoladas	1	5
Precisa existir independente da disciplina	1	5
Deve ser trabalhado além da sala de aula	1	5
Promove reflexões e discussões	1	5
Possibilita conhecimentos que são decisivos na realização do ser humano	1	5
Ela não é tema transversal, pois, só é trabalhada no conteúdo de Ciências	1	5
Respostas sem sentido	2	9
Não responderam	3	13

Quanto à proposta dos parâmetros Curriculares (PCN's), perguntou-se aos professores se estes a conheciam. Mais da metade dos entrevistados (59%) revelaram que conhecem em parte a proposta dos PCN's, 36% afirmam que conhecem e apenas 5% afirmaram que desconhecem.

A maioria dos professores (82%) identifica a Orientação Sexual como um tema

transversal e quando solicitados a justificar 32% citaram que é um tema transversal porque pode ser trabalhado em diversas áreas do conhecimento. Os temas transversais tematizam problemas fundamentais e urgentes da vida social, sendo o tema “Orientação Sexual” justificado pelo crescimento de casos de “gravidez indesejada” entre adolescentes e do risco da contaminação pelo HIV. A fim de atingir os objetivos propostos pelos PCNs, o tema transversal da Orientação Sexual deve impregnar toda a área educativa do ensino fundamental e ser tratado por diversas áreas do conhecimento. Eles deveriam ser trabalhados ao longo de todos os ciclos de escolarização e os trabalhos deveriam ocorrer de duas formas: dentro da programação, através de conteúdos transversalizados nas diferentes áreas do currículo, e como programação extra, sempre que surgissem questões relacionadas ao tema (BRASIL, 1998).

A Orientação Sexual nas Escolas públicas de Porteirinha-MG

Ao analisar a tabela 3, verifica-se que 77% dos professores pesquisados afirmam existir um trabalho de Orientação Sexual sendo desenvolvido nos seus estabelecimentos de ensino, enquanto que 23% relatam que não existe nenhum trabalho de Orientação Sexual nas escolas que trabalham. Portanto, apesar de todos os professores afirmarem ser importante a Orientação Sexual na escola (Tabela 2), 23% dos professores entrevistados revelaram a inexistência de trabalhos sobre sexualidade em suas instituições de ensino. Percebe-se que todos os professores investigados têm conhecimento da importância da Orientação Sexual na escola, mas nem todos transformam esse conhecimento em ação. Como não se trata de uma disciplina obrigatória, sujeita a notificação, existem escolas e/ou professores que se sentem desobrigados de assumir essa tarefa educativa.

Quando se perguntou aos professores pesquisados quais os tipos de trabalhos de Orientação Sexual são desenvolvidos nas escolas em que atuam, 45% relataram o desenvolvimento de projetos pedagógicos, em alguns casos (60%), com apoio da Unidade de Saúde local, 14% citaram a realização de palestras e discussões em sala de aula e 18% relataram a existência do Programa de Educação Afetivo – Sexual - PEAS do Estado de Minas Gerais. Quando questionados sobre quem desenvolve o trabalho de Orientação Sexual em seus estabelecimentos de ensino, 27% dos entrevistados disseram ser somente os professores de Ciências; 73% disseram que são os professores de Ciências em conjunto com colegas de outras áreas de ensino e nenhum dos professores entrevistados relatou a participação de profissionais de outras áreas. Este último dado aponta contradição nas respostas dos professores, pois, alguns relataram que desenvolvem a Orientação sexual por meio de projetos pedagógicos que contam com a participação da Unidade de Saúde local.

Sobre a participação de Profissionais da área de saúde na Orientação Sexual na escola VITIELLO (1997) tece o seguinte comentário: “Com relação ao profissional na educação sexual, queremos deixar bem clara nossa opinião de que o médico, o enfermeiro, o psicólogo, o assistente social, quando fazem palestras em escolas, não estão exercendo verdadeiramente a educação sexual, mas sim, funcionando como meros informadores”.

Os dados da pesquisa mostram que 27% dos professores afirmam que o trabalho de Orientação Sexual é desenvolvido somente pelos professores de Ciências o que indica que a Orientação Sexual na escola está ainda ligada ao campo das ciências biológicas. Este dado, de suma importância, não é em si uma novidade, pois a vinculação da educação sexual às aulas de Ciências e a adoção de uma perspectiva biológica de educação sexual já foi apontada – e criticada – por várias pesquisas (MEYER, 1998; OLIVEIRA, 1998; FURLANI, 2003; ROSISTOLATO, 2003; CASTRO *et. al.* 2004).

De modo a superar essa abordagem considerada restrita ao campo das Ciências Biológicas, os PCNs propõem que a educação sexual seja trabalhada como tema transversal, em que cada disciplina escolar abordaria a sexualidade a partir da perspectiva de seu campo de

saber. Isso, supostamente, contemplaria “uma visão ampla e não reducionista das questões que envolvem a sexualidade”, em que fossem consideradas “as dimensões biológica, psíquica e sociocultural da sexualidade” (BRASIL, 1998). A escola como um todo, e não o professor de Ciências em particular, é responsável por transmitir uma visão não reducionista da sexualidade. Supõe-se que falar sobre sexualidade em todas as disciplinas, a partir das suas especificidades, garantiria uma abordagem ampla da mesma. No entanto, os dados desta pesquisa mostram que apenas 27% dos entrevistados relata que a Orientação Sexual na escola é desenvolvida pelos professores de ciências em conjunto com colegas de outras áreas de ensino. Isto deixa claro que, nas escolas pesquisadas, a Orientação Sexual não está sendo trabalhada como um tema transversal como proposto pelos PCNs.

Tabela 3: Orientação sexual nas Escolas Públicas de Porteirinha-MG

Existência de trabalho de Orientação Sexual nas Escolas	n	(%)
Sim	17	77
Não	5	23
Tipos de trabalho de Orientação Sexual existentes nas Escolas	n	(%)
Projetos pedagógicos	10	45
PEAS	4	18
Palestras e discussões na sala de aula.	3	14
Nenhum	5	23
Quais os profissionais responsáveis pelo desenvolvimento da Orientação Sexual	n	(%)
Somente professores de Ciências	16	73
Professores de Ciências em conjunto com colegas de outras áreas de ensino	6	27
Profissionais de outras áreas	0	0

Orientação sexual na prática educativa dos professores de Ciências das escolas Públicas de Porteirinha-MG

Os dados apresentados na tabela 4 mostram a situação da Orientação sexual na prática dos professores de Ciências e mostram que 100% deles afirmam abordar a Orientação Sexual na sua prática educativa. Com relação a esta abordagem, 27% revelaram que esta ocorre por meio de esclarecimento de dúvidas conforme as necessidades diagnosticadas; 23% disseram que ela ocorre através de diálogos e discussões em sala de aula; 14% apontam que ela ocorre por meio de palestras com profissionais da saúde; 14% que ela ocorre de forma interdisciplinar; 14% dizem que é através de exibição de vídeos educativos sobre alguns temas da sexualidade seguidos de debates em sala de aula e 9% revelam que ela é realizada de acordo o planejamento do conteúdo programático da turma.

Em relação aos temas que os professores entrevistados acham importante abordar na Orientação Sexual na escola, 100% aponta os métodos contraceptivos e DST como os temas mais importantes, 21% afirma ser o conhecimento do corpo, concepção/Gravidez, aborto, amor/afeto, preconceito/tabus e namoro, 20% relata ser iniciação Sexual, abuso Sexual e ficar, 19% homossexualidade, prostituição e prazer e 18% aponta ser a masturbação.

Os temas que trazem dificuldades na abordagem da Orientação Sexual apontados pelos professores foram: homossexualidade (50%), preconceito/tabus e masturbação (18%), abuso sexual (9%) e iniciação sexual 5%. 27% dos entrevistados afirmam não ter dificuldades para abordar nenhum dos temas relacionados à sexualidade.

No que diz respeito às dificuldades encontradas pelos professores investigados ao abordar a Orientação Sexual na escola, os dados mostram que 68% dos professores pesquisados revela que é a falta de materiais didáticos específicos, 55% afirma ser a incompreensão dos pais sobre o assunto, 41% aponta a existência de preconceitos, 36% diz ser a questão religiosa, 9% cita a timidez e o constrangimento, 9% aponta a insegurança em transmitir informações sobre o

assunto e nenhum dos entrevistados apontou a falta de conhecimento teórico dos temas como um fator de dificuldade.

Nesta pesquisa a falta de materiais didáticos específicos sobre o assunto destaca-se como sendo uma das dificuldades mais importante enfrentadas pelos professores para a realização da Orientação Sexual em suas instituições de ensino. PEDROSO (1999), em pesquisa realizada com professores de ciências das escolas estaduais de Botucatu (SP), constatou que, para os professores, a utilização de recursos didáticos é um dos aspectos principais para viabilizar o trabalho de Orientação Sexual. Porém, segundo os professores os materiais presentes nas escolas são insuficientes e pouco diversificados. Essa necessidade de materiais mencionados pelos professores, provavelmente, deve-se ao fato de que abordar o tema sexualidade requer, além de diálogos e discussões, também algo que aproxime o aluno da realidade, tornando a aula mais proveitosa e dinâmica. ALTMANN (2003), em pesquisa realizada com professores de uma escola estadual do Rio de Janeiro (RJ), constatou ser a falta de materiais adequados uma das principais dificuldades apontada por eles para o desenvolvimento de temas ligados à sexualidade.

Considera-se que os materiais didáticos são importantes e que seu uso auxilia o processo ensino-aprendizagem, mas para isso, é preciso que o professor estabeleça um objetivo, procure aproveitar a maioria das possibilidades didáticas e esteja atento às limitações que o material pode apresentar. Nos trabalhos de Orientação Sexual, nota-se que os materiais mais utilizados são os visuais (quadro negro, cartazes, mapas, figuras, espécimes) e os audiovisuais (TV, vídeo). Estes e outros tipos de materiais podem ser utilizados como estimuladores ou desencadeadores da aula ou ainda como resultados da aula, sendo produzidos pelos próprios alunos, evidenciando a aprendizagem. Apenas a existência do material didático não é a solução, pois, o professor precisa saber utilizá-lo. Os materiais que abordam a sexualidade nem sempre trazem uma preocupação com as diversas dimensões que a compõe, assim, o professor deve estar preparado para extrapolar os limites de um material, às vezes, simples e enriquecer as discussões (PEDROSO, 1999).

Outra dificuldade apresentada pelos professores, de acordo a tabela 4, é que a incompreensão dos pais sobre o assunto dificulta o trabalho de Orientação Sexual em suas instituições de ensino. Pode-se dizer que essa atitude paterna é resquício de uma sociedade conservadora, machista, onde falar de sexualidade, ou de sexo, como diz o senso comum, era assunto para ser abordado em “casa” muito sorrateiramente e de preferência para os rapazes. Falar de sexualidade para as crianças, então, nem pensar, pois os pais pensavam – e muitos ainda pensam– que as crianças não estavam preparadas, era cedo demais, e caso a escola tentasse orientar, estaria ensinando coisa feia e errada.

Segundo NUNES e SILVA (2000, p.118):

Muitos adultos reconhecem sua incapacidade em enfrentar tais situações, mas tal reconhecimento, ainda que meritório, se não for acompanhado por uma atitude de superá-lo como impedimento, reduz-se somente a uma constatação inoperante.

Tabela 4: Orientação sexual na prática educativa dos professores de Ciências

A Orientação Sexual é abordada na sua prática educativa?	n	%
Sim	22	100
Não	0	0
Como a Orientação Sexual é abordada na sua prática educativa?	n	%
Através de esclarecimento de dúvidas conforme necessidades diagnosticadas	6	27
Através de diálogos e discussões	5	23
Por meio de palestras com profissionais da saúde	3	14
De forma interdisciplinar através de projetos pedagógicos	3	14
Através de vídeos e debates	3	14
De acordo com o planejamento do conteúdo programático da turma.	2	9
Quais os temas você acha importante abordar na Orientação Sexual na escola?	n*	%*
Métodos contraceptivos	22	100
DST	22	100
Conhecimento do corpo	21	96
Concepção e Gravidez	21	96
Aborto	21	96
Amor/afeto	21	96
Preconceito/tabus	21	96
Namoro	21	96
Iniciação Sexual	20	91
Abuso Sexual	20	91
Ficar	20	91
Homossexualidade	19	86
Prostituição	19	86
Prazer	19	86
Masturbação	18	82
Quais os temas você tem dificuldade de abordar na Orientação Sexual?	n*	%*
Homossexualidade	11	50
Nenhum tema	6	27
Preconceito/tabus	4	18
Masturbação	4	18
Abuso Sexual	2	9
Métodos contraceptivos	1	5
Iniciação Sexual	1	5
Quais as dificuldades para abordar os temas relacionados à Orientação Sexual?	n*	%*
Falta de material didático	15	68
Incompreensão dos pais	12	55
Existência de preconceitos	9	41
Questões religiosas	8	36
Timidez e constrangimento	2	9
Insegurança em transmitir informações sobre o assunto	2	9
Falta de conhecimento teórico dos temas	0	0
Nenhuma dificuldade	0	0

* Existência de mais de uma resposta por entrevistado

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados apresentados neste estudo indicam que há um clima favorável para a implantação da Orientação Sexual nas Escolas públicas de Porteirinha-MG, embora muitos obstáculos para tal tenham sido evidenciados. A maioria dos professores de Ciências considera esta implantação importante, entretanto, eles não apresentam capacitação nesta área e se encontram despreparados para fazê-la. Observamos uma dicotomia entre a teoria e a prática uma vez que os professores reconhecem a importância de se trabalhar a Orientação Sexual na escola, muitos dizem conhecer a proposta dos PCNs, mas, no entanto, não incluem em suas práticas a

discussão deste tema. Os nossos dados são concordantes com os de SILVA & MEGID NETO (2006) que mostraram, num estudo que teve como base as produções de pós-graduação brasileiras sobre a formação de professores/educadores para o trabalho de Educação sexual, que os profissionais estão despreparados tanto na formação inicial quanto na continuada para lidar com o tema. Os autores afirmam ainda que “a não obrigatoriedade dos PCNs, associada a tendência ao conservadorismo e à estagnação a que a escola está sujeita, como qualquer outra instituição social, torna possível que a implantação da Educação Sexual continue restrita apenas a algumas experiências isoladas.”

Outro aspecto a ser considerado são as dificuldades apontadas pelos professores de Ciências ao se discutir sexualidade na escola, sendo as principais: a abordagem de alguns temas considerados difíceis como homossexualidade, preconceitos, tabus e masturbação, a falta de material didático específico e a incompreensão e desinformação por parte dos pais de alunos. Estas dificuldades foram descritas também por outros autores que avaliaram as necessidades dos professores para fazer a orientação sexual (ALTMANN, 2003, BRASIL, 2005, MOIZÉS, 2007). Isto mostra a necessidade de se desenvolver materiais educativos que possam vir a solucionar estes entraves encontrados pelos professores orientadores sexuais.

Este estudo deixa evidente a necessidade de investimento em ações com o objetivo de promover a formação continuada todos os professores, e não apenas de professores de Ciências, da cidade de Porteirinha. Pretendemos, a partir dos dados levantados nesta pesquisa, construir materiais e promover ações educativas elaboradas a partir das suas dificuldades, no sentido de tornar os profissionais bem informados e capacitados, ampliando a compreensão sobre o tema sexualidade, revisando valores, aprofundando conceitos e instrumentalizando, possibilitando assim a construção de uma postura profissional consciente da importância de sua atuação na área da sexualidade. Também existe uma necessidade de sensibilização dos pais dos alunos e da comunidade em geral de que fazer a Orientação Sexual não significa um incentivo à iniciação sexual, mas sim, preparar os adolescentes para uma sexualidade responsável.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, H. A construção social da Orientação Sexual na escola. 2003. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/26/trabalhos/helenaaltmann.rtf>>. Acesso em 20 de março 2007.

AZEVEDO, M. P. S. *et al.* Educação Sexual ou Orientação Sexual? Disponível em <<http://www.tvebrasil.com.br/SALTO/boletins2001/se2/se2txt1.htm>> Acesso em 18 de junho de 2007.

BEIRAS, A., TAGLIAMENTO, G., TONELI, M. J. F. **Crenças, valores e visões: trabalhando as dificuldades relacionadas a sexualidade e gênero no contexto escolar.** Aletheia.n.21:69-78, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros curriculares nacionais para o ensino fundamental: documento temas transversais.** Versão atual, janeiro de 1996.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade Cultural, Orientação Sexual.** Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Saúde. Agência nacional da AIDS. **Pesquisa revela opiniões de educadores sobre sexualidade.** Brasília, 2005. Disponível em <<http://www.sistemas.aids.gov.br/imprensa/Noticias.asp?NOTCod=63235>> Acesso em 18 de outubro de 2007.

CASTRO, Mary G., ABRAMOVAY, Míriam e SILVA, Lorena B. da. **Juventude e Sexualidade.** Brasília:

UNESCO, Mec, Coordenação Nacional de SDT/Aids, Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, Instituto Ayrton Senna, 2004.

CORRÊA, C. I. M. **Análise da participação de uma escola pública na educação sexual dos seus alunos**. 148p. Dissertação (mestrado em Educação). Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2003.

ESTRELA, M. T., MADUREIRA, I., LEITE, T. **Processos de identificação de necessidades – Uma reflexão**. Revista de Educação. VIII(1):29-47, 1999.

FURLANI, Jimena. **Educação Sexual: possibilidades didáticas**. In: LOURO, Guacira. L., NECKEL, Jane. F., GOELLNER, Silvana. V. (Org.), **Corpo, gênero e sexualidade**. Um debate contemporâneo na educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003, p. 66-81. ISBN 85-326.2914-8.

GTPOS, ABIA, ECOS. Guia de Orientação Sexual. São Paulo: Caso do Psicólogo, 1994.

GUIMARÃES, I. **Educação Sexual na escola: mito e realidade**. São Paulo: Mercado de Letras, 1995.

MEYER, Dagmar. (Org.) **Saúde e sexualidade na escola**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

MOYZÉS, J. S. **A sexualidade na compreensão dos professores de Ensino fundamental**. 82f. Dissertação (Mestrado). Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto. Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto. 2007.

NUNES, C. & SILVA, E. **A Educação sexual da criança**. Campinas: Autores Associados, 2000.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **O trabalho do antropólogo**. São Paulo: UNESP, Paralelo 15, 1998.

PEDROSO, A. G. **Materiais didáticos para Orientação Sexual em escolas estaduais de Botucatu**. Botucatu, 1999 109p. (Monografia apresentada ao departamento de Educação do Instituto de Biociências, UNESP, Campus de Botucatu, para obtenção do título de Licenciado em ciências Biológicas).

REIS M. H. & VILAR, D. **A implementação da educação sexual na escola: Atitudes dos professores**. *Aná. Psicológica*, v.22, n.4, p.737-745, 2004.

ROSISTOLATO, Rodrigo P. da R. **Sexualidade e escola: uma análise de implantação de políticas públicas de Orientação Sexual**. 2003. 193 f. (Mestrado em Sociologia e Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

SILVA, R. C. P. & MEGID NETO, J. **Formação de professores e educadores para abordagem da educação sexual na escola: o que mostram as pesquisas**. *Ciência E Educação*. v.12, n.2. p.185-197, 2006.

TONATTO, S. & SAPIRO, C. M. **Os novos parâmetros curriculares das escolas brasileiras e educação sexual: uma proposta de intervenção em ciências**. *Psicologia & Sociedade*. v.14, n.2. p.163-175, 2002.

VITALLE, M. S. S. **Alguns pontos conceituais sobre sexualidade na adolescência**. Revista Paulista de pediatria. 21(2):89-94, 2003.

VITIELLO, Nelson. **A formação do educador sexual**. I Congresso Internacional de Educação do Colégio Coração de Jesus, Florianópolis. Anais..., p.27-37, 1998.

VITIELLO, Nelson. **Sexualidade: quem educa o educador. Um manual para jovens, pais e educadores**. São Paulo: Iglu, 1997.